

Discurso de Mário Soares por ocasião da visita oficial a Portugal de François Mitterrand (Lisboa, 6 Abril 1987)

Caption: No dia 6 de Abril de 1987, por ocasião da visita oficial a Portugal de François Mitterrand, presidente da República Francesa, Mário Soares, primeiro-ministro português, faz um discurso no qual insiste sobre as relações seculares entre a França e Portugal e sobre a necessidade de reforçar os esforços comuns no seio da Comunidade Económica Europeia (CEE).

Source: SOARES, Mário. *Intervenções*. Volume 2. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1988.

Copyright: (c) Imprensa Nacional-Casa da Moeda

URL:

http://www.cvce.eu/obj/discurso_de_mario_soares_por_ocasiao_da_visita_oficial_a_portugal_de_francois_mitterrand_lisboa_6_abril_1987-pt-9115c515-48dc-403d-a0d0-e9a2b2153bb7.html

Publication date: 24/10/2012

Coordenar o esforço europeu*

Esta visita de Vossa Excelência é a primeira que um Chefe de Estado da Comunidade Europeia realiza a Portugal, desde que somos membros de pleno direito da CEE. Foi Vossa Excelência ainda que, estando então a França na presidência da CEE, se deslocou pessoalmente a Portugal para nos anunciar a boa nova da nossa integração na Comunidade. Num momento em que muitos Portugueses duvidavam ainda. Não esquecemos a importância e o alto significado do seu gesto.

Desejo iniciar estas breves palavras de saudação por uma referência à França, à qual tão velhos, profundos e históricos laços de amizade nos ligam, e a Vossa Excelência, pessoalmente.

Na verdade, a presença de Vossa Excelência entre nós dar-me-á oportunidade de saudar em si, em nome do Povo Português, não só o primeiro dos franceses e o grande europeu mas ainda o amigo de Portugal que, nas horas difíceis da ditadura e nos períodos conturbados da Revolução de Abril, não nos faltou com a solidariedade e a palavra encorajadora, sempre que se tratou de lutar em defesa dos valores da Liberdade e da Democracia. E se me é permitido aqui prestar à amizade o preito que lhe é devido, numa nota pessoal, gostaria ainda de saudar o amigo de há longos anos, cujas qualidades de inteligência, de coragem e de sensibilidade tanto admiro como político, estadista e intelectual.

Seja bem-vindo, pois, a Portugal, Presidente François Mitterrand, bem como todos que o acompanham e que muito nos honra acolher.

Senhor Presidente: Visita Vossa Excelência Portugal num período em que o meu país está a realizar um esforço de adaptação à sua nova condição de membro da Comunidade Europeia que tem sido reconhecido, por todos os observadores interessados, como um trabalho sério e com forte motivação comunitária. Para tanto, muito tem contribuído a estabilidade política que hoje se goza em Portugal, passado que foi o período difícil, mas exaltante, da consolidação do sistema democrático, e o esforço de saneamento financeiro realizado nos últimos anos, que nos trouxe os meios para enfrentarmos, com confiança, os desafios que a nossa qualidade de membros da CEE forçosamente nos lança. Que isto tenha sido possível apenas no período de uma década agitada em que foi necessário esconjurar fantasmas do passado e tentações hegemónicas de vários quadrantes parece-me ser a prova evidente de que o Povo Português há muito ansiava pelo regime democrático em que hoje vive e não está disposto a abdicar das liberdades conquistadas.

Vimos sempre a nossa adesão à CEE, contraponto natural da descolonização, como um modo de reforçar o nosso sistema democrático, de modernizar as nossas estruturas e de alargar o campo da nossa convivência externa, na certeza de que poderemos dar à Europa, hoje como no passado, uma contribuição útil na projecção daqueles valores que fizeram do nosso velho continente o paladino das liberdades e da justiça social. Num mundo dividido por conflitos de toda a ordem e em que as tentações hegemónicas continuam a fazer-se sentir, é preciso que a Europa reencontre de novo a sua força para poder desempenhar o papel que dela esperam os povos mais desprotegidos dos outros continentes: um papel de mediação no confronto entre as superpotências e de defesa dos interesses daquelas nações que lutam diariamente contra o subdesenvolvimento e que conhecem a fome, a doença e o atraso cultural e tecnológico. Para que essa missão urgente possa ser cumprida é mister que os Estados europeus ultrapassem definitivamente velhas querelas do passado, que ponham ao serviço de objectivos comuns as suas energias e a inesgotável capacidade criadora dos seus povos, e que caminhem com decisão para novas formas de unidade. Sou dos que acreditam nos ideais que animaram os pais fundadores da Europa e que cimentaram a paz e o progresso que o nosso continente tem conhecido nas últimas décadas. A Comunidade Europeia não deve ser apenas um mercado comum e muito menos uma nova forma de escamotear desigualdades e desequilíbrios. Deverá, antes, ser um espaço de solidariedade e coesão económica e social. As reformas institucionais em curso, a que o espírito europeu do Presidente Delors tem emprestado um novo dinamismo, deverão ser saudadas com entusiasmo. O Acto Único foi um marco importante na construção europeia, mas se queremos realizar o objectivo da criação de um mercado interno em 1992 há que não deixar esmorecer as vontades, nem escassear os meios por considerações que relevem apenas de egoísmos nacionais. Na diversidade de culturas, de hábitos e de tradições que caracteriza os Estados europeus, encontrará a Comunidade um motivo de enriquecimento e instrumentos adequados à projecção universal dos seus valores. Os laços históricos que

ligam alguns Estados comunitários a outros continentes, onde semearam a sua cultura e a sua língua — como é o caso de Portugal, que este ano começa a comemorar os 500 anos das descobertas portuguesas — são um elemento precioso para estreitar novas complementaridades e novos modos de cooperação comum. Também aqui se impõe uma actividade coordenada, a fim de evitar a duplicação de esforços e desgastantes rivalidades.

Senhor Presidente: As relações entre Portugal e a França são multisseculares e caracterizaram-se quase sempre por uma feliz coincidência de interesses e pela partilha de valores culturais comuns. Os Portugueses sempre encontraram em França, em épocas de perseguição interna, quando estavam amordaçados por uma censura severa e irracional, o acolhimento generoso e um campo aberto à sua criatividade de homens livres. Conto-me entre os que puderam beneficiar dessa expressão concreta da fraternidade, que é o asilo concedido aos perseguidos políticos. Para França, partiram muitos milhares de portugueses em busca de melhores condições de trabalho, quando a Pátria era madrasta e o Poder insensível aos seus dramas e necessidades. Em França, encontra-se ainda hoje uma vasta comunidade de cidadãos portugueses que contribuem com o seu esforço para o progresso económico do país que os acolheu e que criaram, no convívio quotidiano com o Povo Francês, formas de relacionamento altamente satisfatórias e perduráveis. Esses Portugueses, cujo elogio escutei com orgulho a Vossa Excelência, em múltiplas ocasiões, foram como que as guardas avançadas do Portugal moderno e europeu que é o país que Vossa Excelência hoje visita. Estou convencido que o trabalho desses portugueses e as suas qualidades lhes dão jus ao reconhecimento e ao respeito com que são tratados em França, membros que são hoje da Europa dos Cidadãos, que urge construir.

Senhor Presidente: A Europa nunca será uma realidade actuante no mundo de hoje se o espírito de solidariedade que deve presidir à sua construção não se traduzir também no campo da cooperação política em todos os domínios da vida internacional, nomeadamente naqueles em que se jogam valores fundamentais do seu ideário e em que estão implicados interesses legítimos de Estados comunitários. Gostaria de referir a este propósito o problema da ocupação de Timor pela Indonésia, com violação flagrante dos mais elementares direitos dos cidadãos daquele território e com desrespeito escandaloso das regras de convivência internacional, estipuladas pela Carta das Nações Unidas. Vejo, com agrado, que começam a ter algum eco os reiterados apelos que Portugal tem lançado à comunidade internacional na denúncia desta situação. A França, como berço da Liberdade e da Fraternidade, não pode deixar de estar do nosso lado, pois só assim estará ao lado do direito e da justiça.

Também no campo da Defesa e da Segurança, como no da Ciência e da Tecnologia, se impõe uma coordenação do esforço europeu, a fim de se evitar a perda de energias e a dispersão de meios indispensáveis a assegurar a participação da Europa no esforço colectivo que, com os Estados Unidos, nos compete realizar para a preservação dos nossos valores culturais próprios e para o combate pelo progresso de toda a humanidade. Progresso que não poderá ser alcançado enquanto persistirem no mundo situações marcadas por assimetrias de desenvolvimento e por desigualdades de direitos; que é por isso urgente eliminar, em nome da solidariedade e da justiça. Particularmente chocante é a situação na África do Sul, onde o regime do apartheid continua a ser fonte de humilhações e de confrontos violentos. Portugal, que tem com os países da África Austral uma relação longa e interessada, acompanha de perto a evolução da situação naquela região e tudo tem feito no sentido de chamar à razão os que persistem em continuar no caminho das discriminações e da injustiça. Moçambique e Angola, países que têm sofrido com particular acuidade a acção desestabilizadora da África do Sul, devem merecer todo o apoio da comunidade internacional no sentido de poderem restabelecer a paz nos seus territórios e encetar uma nova era da sua existência como Estados soberanos, verdadeiramente livres de influências estrangeiras. Também aqui o papel da Europa Comunitária poderá, e deverá, ser primordial.

Senhor Presidente: À França e a Portugal abre-se hoje um campo ainda mais vasto nas suas relações bilaterais, em vésperas do rompimento das barreiras que ainda existem ao comércio e à cooperação industrial e tecnológica. Estou certo de que manteremos no futuro o relacionamento fraterno que tem caracterizado a história dos nossos dois Povos. É por esse excelente relacionamento que eu gostaria de levantar a minha taça num brinde, a que peço se associem todos os que nos acompanham neste momento. Bebo pela tradicional amizade entre os Povos Francês e Português, pelo progresso e fortalecimento da Europa e pela felicidade pessoal de Vossa Excelência, Senhor Presidente, e da Senhora Danièle Mitterrand.

* Discurso proferido em 6 de Abril de 1987, por ocasião da visita oficial a Portugal do Presidente da República Francesa.